

É SOBRE ISSO, MESMO? COMO O LEITOR INTERPRETA O RELACIONAMENTO ABUSIVO EM "A ÁRVORE GENEROSA"?

IS THAT REALLY WHAT IT'S ABOUT? HOW DOES THE READER INTERPRET THE ABUSIVE RELATIONSHIP IN "THE GENEROUS TREE"?

Recebido: 27/07/2023 Aprovado: 23/10/2023 Publicado: 26/03/2024

DOI: 10.18817/rlj.v8i1.3373

Marcelo Jucá¹

Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0004-8940-2854>

Resumo: O artigo propõe uma releitura crítica social da obra "A árvore generosa", de Shel Silverstein, a partir da teoria da estética da recepção e do conceito da residualidade. O livro apresenta como tema central a relação de amizade de um menino e uma árvore, criando a ilusão de afeto e lealdade. Mas com um olhar crítico e debates contemporâneos, fica o dilema se a relação apresentada é positiva ou pode ser considerada abusiva. Objetiva-se, portanto, investigar os vestígios culturais impostos e aceitos na sociedade que freiam um olhar mais efetivo, e aliado aos movimentos sociais de reinterpretação de más e criminosos costumes históricos, sincronizar a interpretação da leitura aos debates atuais.

Palavras-chave: Shel Silverstein; Literatura infantojuvenil; Estética da recepção; Teoria da residualidade; Relacionamento abusivo

Abstract: The article proposes a social critical re-reading of Shel Silverstein's "The Giving Tree", based on the theory of aesthetics of reception and the concept of residuality. The central theme of the book is the friendship between a boy and a tree, creating the illusion of affection and loyalty. However, with a critical eye and contemporary debates, the dilemma remains whether the relationship presented is positive or can be considered abusive. The objective is, therefore, to investigate the cultural vestiges imposed and accepted in society that hinder a more effective look, and allied to social movements of re-interpretation of bad and criminal historical customs, to synchronize the interpretation of the reading to the current debates.

Keywords: Shel Silverstein; children's literature; Aesthetics of reception; Theory of residuality; Abusive relationship

Contexto e horizonte de expectativas

Shel Silverstein (1930-1999) foi um artista e autor norte-americano. Suas obras infantojuvenis, em especial, são relevantes no cenário internacional, com traduções

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras na Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) com bolsa CAPES-PROEX e Mérito Acadêmico. Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP (2012), graduado em Comunicação Social (Jornalismo) pela Universidade Metodista de São Paulo. Possui especialização em Educação a distância (EAD), cursos de extensão em Semiótica Psicanalítica (2009) e História do Cinema (2008) pela PUC-SP. É autor de livros de poesia, prosa e livros-álbum voltados ao público infantojuvenil, alguns deles recebendo reconhecimento literário, caso de Ilha (2020), O que pegamos emprestados dos outros (2019) e Você faz, eu faço também (2018). É escritor e tem experiência em oficinas de escrita literária. Atuou como educador e como jornalista colaborou em diversos veículos de comunicação, como Folha de S.Paulo, Editora Abril, Editora Escala e Agências de Conteúdo. Atualmente colabora como colunista no Blog da Leiturinha e com reportagens no Blog da Carochinha. E-mail: marcelohmj@gmail.com

para diversos idiomas, entre eles o português. No Brasil, Silverstein foi publicado inicialmente pela editora Cosac Naify, o que de saída para o horizonte de expectativas do receptor, já implicava em encontrar obras *cult*, diferenciadas e de qualidade artística.

De fato, os livros de Silverstein lançados por estas terras foram bem acolhidos e conquistaram público e crítica. Tanto que, quando a Cosac Naify encerrou atividades, a Companhia das Letras adquiriu os direitos de publicação.

"A árvore generosa"² (2017), objeto do presente artigo, destaca-se como das principais obras do autor, ao lado de "Uma girafa e tanto" (2017) e "A parte que falta" (2018). O livro consagrou Silverstein e a história por quase dez anos foi seu mais destacado trabalho, e ainda segue sendo destaque.

A narrativa explora a relação de um menino com uma árvore, a generosa do título. A recepção da obra ao longo dos anos foi positiva, romantizada e bem aceita, com os leitores de forma geral enxergando ali uma história de lealdade e amizade verdadeira. As mudanças nas condições de relacionamentos, uma das pautas sociais mais importantes da atualidade, e as novas interpretações e debates acerca de hábitos antigos promove a reflexão e um novo olhar para o conteúdo do livro, tornando seu conteúdo, a princípio, anacrônico e duvidoso.

O leitor moderno que conhece Silverstein espera encontrar mais um conto de dualidade, de partes que faltam e momentos de brincadeiras inocentes. Quem acessa o livro sem essa base, foca-se na palavra generosa, que para muitos entendimentos, um simplista pode estar relacionado à bondade. E na figura da árvore, relacionando-a a alguma pauta positiva de natureza e meio ambiente.

Todavia as crianças leitoras são desafiadas com a narrativa proposta, provocando provavelmente uma confusão moral e metafórica. Quanto aos leitores adultos, os mediadores de leitura, eles podem ou não estar preparados para reinterpretar a história, isso a depender de seus conhecimentos e interesses acerca das pautas contemporâneas em diálogo com a sociedade.

Seguindo a ideia do método da recepção, de Aguiar e Bordini (1988), de que o texto literário é considerado um objeto a ser preenchido e atualizado a cada leitura, provoca-se se o leitor infantil possui embasamento suficiente para um texto com diferentes visões, e se o leitor adulto enxerga em "A árvore generosa" questões

² O original é de 1964. A primeira tradução, de Fernando Sabino, foi publicada em 2006, e para esta e demais citações, de datas, usaremos o ano das últimas publicações pela Companhia das Letras.

complexas ou se fica preso aos resíduos temporais e relações híbridas com a cultura (PONTES, 2001) que podem prejudicar a reflexão e mediação da leitura.

1. "A Árvore Generosa"

O livro é escrito e ilustrado por Shel Silverstein³. A história começa com:

Era uma vez uma árvore...
que amava um menino.
E todos os dias o menino vinha.
Juntava suas folhas e com elas fazia coroas de rei e brincava de rei da floresta. (Silverstein, 2017, p. 7-17)

O leitor acompanha página a página a relação de amizade entre a árvore e o garoto, com frases curtas e ilustrações de poucos traços e sem cores. O menino brincou em seus galhos, comeu suas maçãs e descansou em sua sombra. "O menino amava a árvore. Profundamente. E a árvore era feliz." (Silverstein, 2017, p. 29-31)

Só que as brincadeiras cessam. O tempo passa e o menino cresce e a árvore acaba com frequência ficando sozinha, até ele reaparecer. Na imagem o leitor percebe o personagem mais crescido, um jovem adulto, mas ao que o texto persiste em chamar de "menino". No primeiro reencontro, a árvore pede gentilmente para que ele venha brincar em seus troncos, comer suas maçãs, ao que ouve como resposta que ele está muito crescido para isso, que seu interesse é comprar coisas e divertir-se. Ele quer dinheiro, e pergunta para a árvore se ela tem algum trocado.

A árvore, primeiro, desculpa-se, e em seguida responde que não, não tem dinheiro, mas que o menino pode colher suas maçãs e vendê-las, e assim terá dinheiro e será feliz. Em seguida o leitor acompanha o menino, sem hesitação, pendurado e pegando todas as frutas ao seu alcance. E a árvore, diz o texto, estava feliz.

Na próxima dupla, há novamente o encontro. E o leitor logo na primeira linha, com o auxílio da ilustração, um adulto por certo, percebe que muito tempo se passou desde a última página.

³ O início da carreira artística de Silverstein é como cartunista, arte que se desdobra posteriormente para os livros infantojuvenis, mantendo a característica do seu traço.

Mas o menino sumiu por muito tempo
E a árvore ficou tristonha outra vez.
Um dia o menino veio
E a árvore estremeceu tamanha a sua alegria e diz,
"venha menino, venha subir no meu tronco, balançar-se nos meus galhos e
ser feliz." (Silverstein, 2017, p.42)

O menino-adulto diz estar muito ocupado para subir em árvores. Que ele precisa de uma casa para mantê-lo aquecido. Que quer uma esposa e filhos, então precisa de uma casa, e pergunta para a árvore se ela tem uma casa para lhe dar.

A árvore responde que a floresta é a sua casa, que não tem casa a lhe oferecer, mas que se cortar seus galhos e com isso conseguir construir uma casa, assim ele vai poder ser feliz. Sem demoras o menino-adulto corta os galhos e vai embora para construir sua casa.

Há ainda mais diálogo do menino, um senhor de idade, muito tempo depois que recusa o brincar e pede um barco para fugir para bem longe, resultando no corte do tronco, restando dela um simples cotoco. "E a árvore estava feliz... mas não muito" (p.53).

O leitor, por fim, acompanha o último, aparentemente, regresso do menino com idade já muito avançada. Antes mesmo de qualquer fala do menino, a árvore começa se desculpando, já que não tem mais nada a oferecer, nem frutas, nem galhos, nem tronco, e que é um simples cotoco.

O menino-senhor, enfim responde, que não precisa de muito a esta altura, só quer um lugar tranquilo para descansar, ao que a árvore, se autodefine como um mero pedaço de tronco, mas que mesmo assim é bom para se sentar. A árvore o chama e o menino-senhor senta. "E a árvore estava feliz" (p.58).

2. Atualização do leitor e a relação abusiva

A metodologia da Estética da Recepção desenvolvida por Jauss (1994) tem muito a contribuir nesta releitura, focando na figura do leitor moderno na compreensão de "A árvore generosa":

Julga-se de grande importância para os estudos literários uma focalização especial na teoria da estética da recepção, corrente que concebe o leitor como o indivíduo que "atualiza" a obra segundo suas experiências

acumuladas, sua história, seu contexto social, sentimentos e memória e, que, a partir disso, constrói uma nova visão da realidade. (Mocci, p.2)

A pesquisadora Regina Zilberman também aponta a atualização como um conceito importante para Jauss, "por significar a possibilidade de a obra do passado ser percebida dentro do horizonte contemporâneo por efeito de leitura" (2015, p.27).

A atualização proposta neste artigo diz respeito ao posicionamento e uma nova interpretação do leitor do que parece uma relação de amizade e generosidade para uma relação de sacrifício.

De acordo com Zilberman, outro ponto fundamental da metodologia da Recepção é a possibilidade de ampliar as questões que atravessam o artigo. "Coerente com a lógica da pergunta e da resposta, base de sua metodologia, o próprio texto induz novas interrogações que ele busca resolver alargando o campo da operação." (2015, p.9)

Quem é o leitor de "A árvore generosa"? É o leitor de um Brasil com comprovada confusão governamental, meio a violências e denúncias, seguidos pelo pós-pandêmico e ressabiados com traumas, moralismos e preconceitos históricos, martelados por uma recente violência governamental e que busca timidamente libertar-se de costumes antigos. Um país dividido, em que parte avança em aceitações e liberdades democráticas, enquanto outra retrocede duvidando até da ciência.

O leitor de um país que, por toda sua história (a partir de quando passa a ser registrada com cartas e diários), vive uma relação de abuso e toxicidade: foi invadido pelos portugueses, o povo originário foi humilhado e escravizado, tendo sua população assaltada, um país que foi o último a libertar os escravos⁴ e que é culturalmente machista e violenta a população LGBTIA+. Um país de abusados.

Todas informações acabam por criar figuras de leitores que a Teoria da Residualidade destaca. "A Teoria da Residualidade busca apontar e explicar as remanescências do modo de pensar de um determinado agrupamento social de um período de tempo específico em outro tempo diverso." (Loiola, 2013, *apud* Pontes, s/d, p.1)

Diante do peculiar currículo, quais as perguntas que devem ser feitas para compreender os principais aspectos desta obra pelo olhar do leitor? Complementando

⁴ Os noticiários nacionais confirmam um número alto desta prática proibida em pleno 2023.

a fala anterior de Zilberman, a pesquisadora Ana Cláudia Salomão da Silva acrescenta que:

A principal arma teórica de Jauss é o princípio da pergunta e resposta, definido metodologicamente como dialético (estabelece-se por meio do diálogo com o texto) e filosoficamente como “horizonte” (reconstitui o horizonte de expectativas). Significa abordar a recepção da obra e o efeito por ela causado. O método contém três etapas: **compreensão, interpretação e aplicação**. (ACS Silva, 2014, p.4 - grifo meu)

Compreensão, interpretação e aplicação. A compreensão, que diz respeito a contextualizar o horizonte de expectativa do leitor da época e o contemporâneo, foi o que o artigo se propôs até esta linha, cabendo agora interpretarmos e aplicarmos o conhecimento colhido.

A compreensão recepcional partiu do entender - se o texto "A árvore generosa" equivale a uma resposta, qual seria a pergunta? Pode ser algo aproximado a "*Em uma relação de amizade, está tudo bem um lado se sacrificar totalmente pelo outro?*"; Cabe também uma variação, como "*Entre dois amigos, um sempre pede e o outro sempre faz?*"; ou ainda "*É compreensível que um indivíduo se sacrifique pelo outro?*".

Antes que vire deboche, passemos a interpretar o texto a partir deste olhar já posto, de que o texto traz, sem metáforas, de forma direta e objetiva, uma relação de abuso e tóxica. E cabe aos conceitos e provocações a seguir confirmar, negar ou levantar novas dúvidas e alguma sugestão mais geral.

A partir os encaminhamentos, como citado anteriormente, novas questões vão surgir até o fechamento do artigo, seguindo a linha de raciocínio "*O leitor infantil, as novas gerações, estão mais preparadas, embasadas, sobre pautas atuais, mas o leitor adulto que lê com ela a história, está preparado também?*"

3. Generosa para quem?

4.1 Definindo o que é generosidade

Yves de La Taille (2006) pesquisou a compreensão e importância da generosidade dentro do universo moral da criança. Primeiramente, buscou as definições do termo *generosidade* em diferentes dicionários, ao que concluiu, grosso

modo, a base da mesma definição em todos, como a virtude de sacrificar os interesses próprios pelo do outro.

Três aspectos da generosidade devem ser sublinhados, pois, como veremos, singularizam-na em relação à justiça. O primeiro é o altruísmo: no ato generoso, é outrem que é o beneficiário da ação. O segundo: na generosidade há um sacrifício, ou seja, um 'dom de si', para retomar a expressão de Comte-Sponville (1995). O terceiro aspecto: na generosidade, dá-se a outrem, não o que lhe cabe *de direito*, mas sim o que corresponde a uma *necessidade singular*. Isto posto, não parece levantar dúvidas a afirmação de que a generosidade é uma virtude pertencente ao campo moral (La Taille, 2006, s/p).

Os dicionários e os estudos da psicologia moral trazem definições um tanto limitadoras, mais polêmicas do que esclarecedoras. A partir dos questionamentos da Recepção, parece que a primeira palavra do título (nem entramos na obra em si em sua completude) já gera diferentes interpretações. La Taille também levanta este questionamento, relacionando generosidade e justiça que acaba sendo associada e pressupõe um sacrifício.

Pela falta de unanimidade apontada pelo pesquisador, e porque não é o foco do presente artigo definir e se estender profundamente numa única palavra (apesar de seu imenso valor), tomamos o caminho de usar o conceito de generosidade como o de uma atitude, uma virtude boa para o outro, sem se esperar nada em troca por isso. Um ato altruísta e que não haja sacrifício mortal.

4.2 Relações abusivas

Se buscamos nos aproximar de uma definição de generosidade, é justo nos aproximarmos de definições sobre relações abusivas do mesmo modo.

A grande maioria dos artigos encontrados sobre abuso dizem respeito à violência contra a mulher. Além desta, evidente, como citado no começo do texto e relatado diariamente na mídia, também temos notícias de abusos contra as infâncias, negros, indígenas, imigrantes, deficientes, terceira idade, lgbtqi+, para dizer o mínimo obrigatório, pois é fácil aumentar a lista para migrantes, meio ambiente, animal, profissional e a lista parece não acabar jamais...

Dado que os artigos apontam pontos comuns de violência, trauma e herança sociocultural, e também não caberia aprofundar a discussão neste espaço, destacamos um recente que engloba o denominador comum.

Para a doutora em Saúde Pública, Raquel Silva Barretto (2018), os debates sobre relacionamentos abusivos são atuais e emergentes na nossa sociedade. Por comportarem a violência em suas diversas tipificações e naturezas podem causar impactos na saúde física e psicológica de quem os vivencia.

Quando falamos das relações abusivas não podemos negar que elas comportam violências principalmente de natureza física, sexual e psicológica. O abuso mantém a relação de poder do abusador sobre o abusado, que é tido como o seu objeto. Para Arendt (1985) a violência surge como última alternativa possível para manter o poder sobre o outro. Nas relações abusivas, o poder está no cerne da questão, ela demonstra a desigualdade existente entre as forças do abusador e do sujeito que sofre o abuso. O poder é então uma via pela qual a força física ou simbólica será aplicada, no intuito de atingir determinado objetivo. (Barretto, 2018, p. 143)

O que a história de "A árvore generosa" conta? Um menino e uma árvore numa relação de abuso por parte dele, que passa por meio de uma manipulação exercer poder e força física e psicológica para atingir seus objetivos contra a personagem árvore, que, além de tudo, traz uma curiosidade linguística.

No texto original, em inglês, a palavra *tree*, árvore, não tem um artigo de gênero que define propriamente, ao que no português utiliza-se o artigo definido *a*, tornando-a feminina. O que parece pouco, é muito considerando que isso pode inconscientemente associa a árvore a uma figura metafórica feminina.

E por trazer à tona a ideia de poder, que encontra ecos na atual análise, como bem situa Barretto geralmente retornamos à Foucault (1995), com uma definição tão simples quanto constatada ao longo da história humana. O poder, diz, está presente em todas as relações humanas e pode ser acompanhado de violência para forçar a submissão e a passividade do abusado.

Albertim (2018) traz algumas características apresentadas na cartilha *Enfrentando a Violência Contra a Mulher* (2005), desenvolvida pela Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres.

Existe um ciclo do relacionamento abusivo que são séries de ações comuns entre os agressores e acontecem em três fases. No primeiro momento, a

construção da tensão no relacionamento se dá através da agressão verbal com gritos, xingamentos, ameaças até explodir para a segunda fase, denominada de explosão da violência. Esta se apresenta em forma de espancamentos, murros, chutes, é o momento em que as agressões atingem níveis elevados, e no entanto, é considerado de curta duração porque, conseqüentemente, o agressor entra na terceira fase, onde se instala o arrependimento. Durante esta fase, nomeada de lua de mel, o agressor se arrepende de todo o mal que causou e sente remorso de perder a companheira, que finda por perdoar (Albertim, 2018, p.4 - *grifo meu*)

Qual é o ciclo em "A árvore generosa"? O leitor lê ali uma narrativa, de fato, desenvolvida em um ciclo de repetição.

Em comparação às três fases comuns do abuso citadas, a *primeira fase* é a construção da tensão, em que na história o menino deixa de ser menino, cresce, não quer mais brincar e começa a pedir coisas; a *segunda fase* tida como explosão da violência, onde podemos associar as vezes em que o menino crescido levou as maçãs, em seguida os galhos e por fim o tronco todo; a *terceira fase*, o arrependimento, a lua de mel, é presenciada na última dupla de páginas do livro, com o menino-idoso literalmente sentando em cima da árvore, de seu resto, com o narrador da história afirmando que a árvore estava feliz.

4.3 Reconstituição de horizontes

Por anos o autor do presente artigo pesquisou e acompanhou informalmente, por curiosidade, sobre esta obra, que sempre chamou a atenção exatamente por notar como os demais leitores realizavam uma leitura diferente da imaginada. Foram pesquisadas em diferentes oportunidades e locais a respeito. As resenhas e comentários gerais do livro eram, em uma única palavra, *bonito*. Como já relatado, não havia contestação, provocação, questionamento nem nenhum tipo de engasgo.

É recente o aparecimento de novas interpretações, destacando exatamente a relação abusiva presente no texto, mas mesmo assim não tão direta, são críticas que geralmente aliviam para a circunstância de um menino mimado talvez para suavizar o comentário.

Afinal, pela compreensão da Recepção, como citado no começo do artigo, a leitura de Silverstein presumia uma expectativa de história de encontros, complementos e diversão. Um dos pouquíssimos relatos encontrados, imaginando que um dia seria útil como pesquisa bibliográfica em algum artigo, aparece a seguir.

Adam e Allison Sweet⁵ Grant trazem as visões como leitores adultos que releem a obra, dialogando com tudo o que vem sendo construído até o momento.

O relato⁶ traz a oportunidade em que eles, como pais, vão presentear o filho com o livro, até que tomam um susto. "Não era a história calorosa, confusa e comovente que pensávamos lembrar. Apesar de ser comovente e bem escrito, era meio deprimente" (Grant, 2019, s/p). O que apontam é que a história, como leitores adultos compreendem diferente da leitura quando crianças. "O problema é o seguinte: não se trata realmente de generosidade. É um livro sobre auto-sacrifício – e essas são duas coisas muito diferentes. (idem)

Interessante mesclar a teoria da recepção e da residualidade. A partir de uma leitura de residualidade, percebe-se o imaginário dos Grant, como uma memória positiva, de uma leitura afetiva de uma época que mudou. Eles, ao que indica, como pessoas acompanharam as mudanças, e ao realizar a atualização com o texto (fundamento da recepção), há um choque de entendimentos pela dinâmica do tempo, permitindo-os interpretar de uma nova maneira a história que gostavam.

O texto dos Grant, de uma forma geral, defende do mesmo modo o que o presente artigo apresentou: distinguir o conceito de generosidade com sacrifício, abordando que para alguns leitores o ato de sacrifício da árvore parece nobre, como pode ser compreendido o amor incondicional que um pai dá a um filho.

Mas se você presumir que a história é sobre generosidade, é fácil aprender as lições erradas: que está tudo bem para uma criança aceitar egoisticamente e que os adultos devem dar até doer – e continuar dando até que literalmente não tenham mais nada a oferecer. Essa é uma receita para problemas. Generosidade não significa se sacrificar pelos outros – é ajudar os outros sem prejudicar a si mesmo. (Grant, 2019, s/p)

O que o artigo menciona também é algo sobre a editora que publicou o livro, Phyllis Fogelman. Além de ser uma personagem por aceitar a publicação, é importante notar que sua fala diz respeito ao período em que a história chegou em suas mãos. "Tive escrúpulos quanto à minha participação na publicação de 'The Giving Tree', que

⁵ Provocação: o universo é feito de coincidências ou de fato é muito curioso o casal a escrever sobre a generosidade carregar o sobrenome Sweet?

⁶ Em nova pesquisa, o texto aparece publicado, pelos mesmos autores e conteúdo igual, no jornal New York Times, em 2020. Trechos da entrevista da editora citada também são encontrados na língua inglesa.

transmite uma mensagem com a qual não concordo”, ela disse em uma entrevista. “Acho que é basicamente um livro sobre uma relação sadomasoquista.” (idem)

Os conceitos operacionais da Residualidade são: resíduo, imaginário, hibridação cultural e cristalização (2013). Correlacionando com nosso objeto de estudo, podemos interpretar o *resíduo* como a contínua circulação de "A árvore generosa"; o *imaginário* como a lembrança e aceitação de uma obra de amizade; o *hibridação cultural* pode ser o encontro do leitor brasileiro, sempre empolgado com produções norte-americanas e sua cultura de poder; enquanto a *cristalização* foi a total aceitação e circulação da obra nas bibliotecas, escolas e lares brasileiros.

Entenda-se “refinamento” não como algo que se tornou melhor, mas como algo que se adaptou a outro tempo e/ou espaço, adaptação possível graças às trocas culturais sempre ocorridas com o passar dos séculos. Em outras palavras, o conceito de cristalização diz respeito à adaptação que as culturas sofrem ao novo contexto em que se encontram quando hibridizadas, como explica Roberto Pontes (apud Moreira, 2006, p. 9): “A gente apanha aquele remanescente dotado de força viva e constrói uma nova obra com mais força ainda, na temática e na forma. É aí que se dá o processo de cristalização” (Loiola, 2013, p. 49).

4. Provocações finais

Até aqui compreendemos o cenário de antes e o contemporâneo, e com as informações interpretamos significados possíveis para os leitores do texto, e chegamos a aplicação do que fica. São poucas as chances, é cada vez mais improvável, que venhamos a saber mais sobre as reais intencionalidades de Shel Silverstein com "A árvore generosa". Perguntas, porém, não faltam, e mesmo que a resposta não venha do autor, os leitores, crianças e adultos, podem criar suas respostas e lidar bem com isso.

Teria o texto a intenção de dizer, preto no branco, o que está escrito e desenhado? Que nesta relação um dá e outro recebe e é só isso mesmo? No caso, é um conto capitalista e explorador, em que se interpreta que o único traço fantasioso é a árvore responder com palavras, e o sentido da história é que os humanos devem explorar os recursos ambientais até o fim já que é mais forte?

No caso, a formação do conceito de generosidade para a criança, em sua construção moral, vai ser afetada e pode ser prejudicada para muitos anos à frente. E

o adulto leitor que mediar a história vai ter o preparo para abordar e apontar as falhas de comportamento do menino da história, discutir as ideias de limites, sacrifícios e amizade?

Parece extremo. Uma outra possibilidade de interpretação é presumir que propositalmente o autor traçou um personagem, o menino, como um sujeito mimado, criticando a parte sociedade superprotetora, uma representação das classes sociais mais ricas, que não possuem repertório, força de vontade e imaginação para conquistar seus objetivos e resolver problemas.

Aqui, ao oposto do exemplo anterior, é uma crítica ao capitalismo, ainda contendo traços profundos do trabalho escravo e do esgotamento da força de trabalho e vida de empregados. É uma visão interessante. Mas também parece forçar a barra. O tipo de comentário citado anteriormente para suavizar a crítica.

E mais. Uma criança leitora tem repertório para ler desse jeito? Com certeza não. Ela precisa ser instigada a pensar, refletir sobre isso, ter tido já conversas prévias sobre trabalho, escravidão, capitalismo e tudo mais. E o adulto leitor? Terá ele o preparo, a habilidade para desenvolver essa discussão?

O mundo literário, dadas às mudanças todas de comportamento socioculturais citadas ao longo do artigo, tem enfrentado cancelamentos ou debates acalorados sobre suas reescrituras. No Brasil, é o caso já sabido sobre Monteiro Lobato (1882-1948) e as adaptações de "O sítio do picapau amarelo" em confronto com quem cancela de vez e a turma que defende manter o texto original, mas com notas explicativas e mediação de educadores e familiares, ou seja, contextualizar a história.

Mais recentemente foi noticiada a mesma solução por parte dos editores ingleses com as obras de Road Dahl (1916-1990). Reescrever e deixar o texto "adequado" ao público moderno. Apesar dos protestos contra a atitude, tudo indica que o mundo caminha para essa prática se tornar mais comum.

É o caso de cancelar ou reescrever "A árvore generosa"? Antes de seguir a tendência mundial, certamente é melhor para todos os leitores observarem com mais atenção as mudanças de paradigma da sociedade, pautar as discussões e atualizações sobre amor próprio, relações abusivas, sociedade do cansaço e, claro, generosidade, e entenderem qual história pretendem interpretar. Buscar fazer perguntas e pensar múltiplas respostas, dialogar com o texto e entre os leitores, tomando para si, de saída, que a compreensão para o abuso, em qualquer esfera -

físico ou mental, ou em termos mais formais, a violência física ou psicológica, é por lei considerado crime (1990).

Referências

ALBERTIM, Renata, and Marcelo MARTINS. "Ciclo do relacionamento abusivo: desmistificando relação tóxicas." *Intercom–sociedade brasileira de estudos interdisciplinares da comunicação; 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação–Joinville-SC–2 a*. Vol. 8. No. 09. 2018;

BARRETTO, Raquel Silva. "Relacionamentos abusivos: uma discussão dos entraves ao ponto fina." *Revista Gênero* 18.2 (2018).

CARVALHO, Samara Barros. "A Parte que Falta: Um Caminho de Transformação e Cura Pessoal." *Revista Eletrônica de Ciências Humanas, Saúde e Tecnologia* 1.13 (2018): 68-77;

EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma Introdução*. Tradução Waltensir Dutra. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006;

ECA, Estatuto da Criança e do Adolescente. 1990. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em 19 julho de 2023.

GRANT, Adam e Allison. Precisamos falar sobre 'A árvore generosa'. PLU 7, Notícias, publicada originalmente em 1º de outubro de 2019 no NYT Parenting. Disponível em <https://noticias.plu7.com/98896/internacional/precisamos-falar-sobre-a-arvore-generosa/>, acessado em 18 de julho 2023.

JAUSS, Hans Robert. *A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária*. São Paulo: Editora Ática S.A., 1994;

LA TAILLE, Yves de. "A importância da generosidade no início da gênese da moralidade na criança." *Psicologia: reflexão e crítica* 19 (2006): 9-17.

LOIOLA, Thais ; PONTES, F. R. S. de . A Teoria da Residualidade como abordagem literária: uma breve análise de Marília de Dirceu. *Entrelaces (UFC)* , v. 3, p. 47-54, 2013.

PONTES, R. Lides disciplinares da Teoria da Residualidade. *Revista Decifrar*, [S. l.], v. 7, n. 14, 2020. DOI: 10.29281/rd.v7i14.7555. Disponível em: [//www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/Decifrar/article/view/7555](http://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/Decifrar/article/view/7555). Acesso em: 18 jul. 2023;

RODRIGUES, Martina Bergallo. *A Parte que Falta na Divulgação de livros e a Relação Influencers-Decisão de Compra*. 2018;

SILVA, A. C. S. ; ravel giordano paz. Observações sobre a aplicação da metodologia da Estética da Recepção - A Helena, de Machado De Assis. REEL – Revista Eletrônica de Estudos Literários, Vitória, s. 3, ano 10, n. 14, 2014.

SILVA, Fernanda Maria Diniz. Mentalidade e residualidade em memória corporal, de Roberto Pontes. 2007. 141f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Literatura, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza-CE, 2007.

SILVERSTEIN, Shel. A árvore generosa. Companhia das Letras, São Paulo, 2018;

ZILBERMAN, Regina. Estética da recepção e História da Literatura. São Paulo: Editora Ática S.A., 2015.